

EDUCAÇÃO INFANTIL: LITERATURA COMO ESPAÇO DE FRUIÇÃO

*Maraísa Mendes da Costa*¹

*Flávia Brocchetto Ramos*²

*Neiva Senaide Petry Panozzo*³

RESUMO

O presente artigo faz parte do projeto de pesquisa “Formação do leitor: o processo de mediação do docente”, realizado na Universidade de Caxias do Sul. A pesquisa pretende, a partir do material de investigação coletado - em salas de aula e bibliotecas – analisar o lugar da literatura e também criar estratégias para a aproximação dos alunos com os livros de literatura e, da mesma forma, auxiliar os professores nesse processo de mediação. Após observações da hora do conto, constatou-se que o trabalho docente de mediação de leitura deverá iniciar antes do próprio processo de alfabetização e, então, se tomou também como foco de atenção a educação infantil. Este artigo busca perceber o trajeto histórico da literatura infantil e de que forma as práticas docentes de mediação do texto literário, na educação infantil, têm ajudado a criança a ser um leitor autônomo e a ter prazer pela leitura, além de traçar algumas sugestões a partir da obra de literatura *Dez sacizinhos*, de Tatiana Belinky (1997).

Palavras-chave: Literatura infantil. Educação infantil. Mediação de leitura.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe-se a analisar de que maneira a mediação de leitura ocorre nas escolas, focando a educação infantil, e propor estratégias de mediação com o texto literário *Dez sacizinhos* (BELINKY, 1997), a partir dos referenciais de Cosson (2006), Saraiva (2001) e Saraiva & Mügge (2006). O trabalho foi feito, tendo como base as observações da hora do conto, realizadas na pesquisa “Formação do Leitor: o processo de mediação do docente”, e os referenciais da Educação Infantil, no Brasil. As constatações da pesquisa foram analisadas e

concluiu-se que, na maior parte dos casos, a literatura não faz parte do cotidiano das escolas e quando é inserida no currículo escolar, é utilizada com fins pedagógicos, ou seja, para ensinar conteúdos de outras disciplinas. Na educação infantil não é diferente, pois o texto literário é utilizado com o fim de se retirar uma mensagem exemplar, uma moral da história. Nesse sentido, busca-se com o artigo auxiliar docentes, mediadores do texto literário, a compreender a natureza da obra artística e a necessidade de se fazer um trabalho diferenciado, que instrumentalize o leitor a ler o texto e a perceber-lhe as qualidades estéticas.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Para iniciar a investigação, é essencial que se pense o caminho que a literatura destinada ao público infantil percorreu ao longo dos anos. O século XVIII pode ser considerado marco da literatura infantil. Profundas mudanças sociais se desencadearam e trouxeram novos rumos também no âmbito artístico. A substituição dos modelos clássicos pelo romance, pelo drama e pelo melodrama – que contavam fatos do cotidiano da burguesia – e a industrialização levaram a um fenômeno chamado *cultura de massa*, citado por Zilberman (1982, p. 3) como uma produção em série, o que facilita a distribuição e o consumo, mas é marcada pela banalidade dos temas, pela fixação de estereótipos humanos (os “bons” são de origem européia, com família reconhecida socialmente, estudaram em boas escolas; os “maus” são de origem simples, na maioria, negros, índios, marginalizados, por exemplo) e pelos comportamentos exemplares.

Como a sociedade burguesa percebe a criança sob uma nova perspectiva, a literatura infantil, inserida nesse contexto, ganha mais espaço. A ascensão da infância como fase do desenvolvimento humano e a consagração da família como núcleo de formação do infante geram a necessidade de educá-lo para o convívio em sociedade e a escola assume/entende esse papel de transmitir conhecimentos, contribuindo para que a criança aprenda normas. As inovações provocadas pela sociedade burguesa marcaram o início de um período de manipulação do infante, visto como um ser frágil e dependente, e a escola, por consequência, tornou-se a mantenedora do ideário burguês.

Aliás, nesse âmbito, o texto produzido para a criança tinha um viés pedagógico, já que trazia lições moralizantes e cerceadoras da voz infantil. Ele se constituía num meio eficaz de

controle, preservando idéias sem a necessidade de uma pessoa física. Dessa forma, os livros são pedagógicos e não artísticos.

No Brasil, Monteiro Lobato, nos anos 20-30, do século XX, pode ser considerado o expoente da literatura infantil nacional. Suas obras, amplamente conhecidas, são destinadas às crianças e respondem as expectativas do público mirim. Após Lobato, ocorreu um período de pouca renovação da literatura, pois o que se tem são cópias do modelo criado pelo escritor.

A chamada expansão da literatura infantil brasileira acontece no final dos anos 70. As mudanças sociais iniciadas no país atingem também as áreas das artes, e os autores da literatura infantil iniciam um processo de transformação nas obras por meio da linguagem, da criatividade e da tomada de consciência crítica. Os livros passam a trabalhar não só com a palavra, mas também com elementos não-verbais. A qualidade estética da obra, percebida agora como um todo (palavra-imagem), torna-se essencial. A partir daí, pode-se dizer que uma nova concepção do livro destinado às crianças e aos jovens se constitui.

A obra literária inicia o processo de separação da pedagogia, assumindo o caráter artístico. As contribuições dos estudos da psicologia, da psicanálise e da lingüística ajudam a perceber o leitor como ser que dá sentido à obra, co-autor do texto.

2 LITERATURA E ESCOLA

É perceptível que a literatura destinada ao público infanto-juvenil surge de uma necessidade da pedagogia e, assim, voltada à educação, ligada às atividades de ensino-aprendizagem. Soares (2001), ao discutir a escolarização da literatura, lembra que a eclosão da literatura infantil no Brasil acontece junto com a expansão do número de vagas nas escolas do país.

A clara vinculação da literatura à escola parece superada quando se constata a qualidade de algumas obras que circulam hoje, contudo, é pertinente indagar até que ponto esses livros estão sendo utilizados nas escolas pelas suas qualidades literárias. A pergunta que fica evidente é: de que forma a literatura, enquanto texto simbólico, é uma presença efetiva nas salas de aula?

As diferentes pesquisas desenvolvidas em todo o Brasil apontam que, muitas vezes, o texto literário participa da vida dos estudantes como meio didático, ou seja, para aprender um

conteúdo escolar, a partir de análises superficiais e pouco preocupadas com os aspectos literários. Cosson (2006, p. 23) ressalta também que “a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”. Para o autor, muitas vezes, falta um objeto próprio de ensino já que aqueles vigentes nos currículos escolares ligam-se demasiadamente aos conteúdos, distanciando-se da idéia de “experiência de leitura a ser compartilhada” (Ibidem, p. 23).

Que a literatura e qualquer outro conhecimento façam parte da rotina e dos currículos escolares é inevitável, e assim é elementar que eles se escolarizem, ou seja, passem por um processo em que “a escola toma para si a literatura infantil, escolariza-a, didatiza-a, pedagogiza-a, para atender a seus próprios fins” (SOARES, 2001, p. 17). O que precisa ser refletido e repensado é de que maneira o texto simbólico é inserido nas escolas. Nesse sentido, Soares (2001) alerta que devemos negar aquilo que é inadequado, errado, impróprio na escolarização da literatura, pois isso acaba desvirtuando, falseando, deturpando a obra literária e, conseqüentemente, afastando-a do leitor.

Um exemplo de texto literário publicado para a criança e que tende a ser desvirtuado é *Os sacizinhos*, de Tatiana Belinky (1997). É uma narrativa, cuja história brinca com elementos do folclore – os sacis e a Cuca – num jogo de desaparecimentos que terminam com uma grande festa, no circo, em que todos os personagens apresentados no livro retornam. A Cuca que, durante o sumiço dos sacis, aparece como personagem de fundo, é o elemento essencial, desencadeador do retorno dos dez sacis. Os sacis correspondem à idéia do folclore e aparecem brincalhões e sapecas, num jogo lingüístico e visual, em que tudo é uma grande brincadeira de esconder. Já a Cuca, personagem da obra de Belinky (1997), contraria o que está cristalizado no imaginário infantil (culturalmente má e perversa), tornando-se, na verdade, o elemento chave do retorno dos sacis e não de seu desaparecimento (Figura 1).

Na narrativa há uma riqueza de articulações entre palavra e ilustração, que inicia desde a sobrecapa negra. Esta possui fendas que deixam à mostra apenas parte dos sacizinhos, recurso esse que inicia o jogo de esconder e revelar entre o verbal e o visual, que ocorre em toda a obra. O universo figurativo das imagens, por vezes, faz eco às palavras; em outras, acresce elementos que o verbal não menciona, mas que pertencem ao texto, como um todo significativo. A sutileza empregada na localização da Cuca, quase se confundindo ao cenário e, a cada desaparecimento de um saczinho, a presença de diferentes animais, são exemplos de detalhes que fazem diferença

ao se pretender realizar uma leitura que leva em conta a variedade de elementos que compõe os sistemas presentes no texto.

Ao apresentar o texto a acadêmicas e a professores e indagá-los sobre as qualidades e possibilidades de abordagem da obra na educação infantil, as acadêmicas e as professoras ignoram, de modo geral, a proposta lúdica da obra e focalizam o conceito de número ou, mais especificamente, a associação a um conteúdo programático como “ordem crescente e ordem decrescente”. Ou seja, o texto seria um pretexto para estudar a seriação.



Figura 1: par de páginas da obra *Dez sacizinhos*, de Tatiana Belinky (1997).

3 A REALIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Até o momento falou-se da literatura no âmbito da educação escolar de um modo geral. Mas qual seria a situação na educação infantil? Para que se possa pensar a literatura na educação infantil, é necessário que se retroceda no tempo, pensando no surgimento das antigas creches.

A educação para crianças em fase pré-escolar surgiu devido à necessidade das mães trabalhadoras. O Estado teve que encontrar uma solução para que os filhos dessas mulheres fossem acolhidos em um estabelecimento legal e assim atendidos enquanto elas trabalhavam.

Portanto, a creche é criada para atender uma demanda de crianças que precisavam de cuidados essenciais: comida e conforto, e não pela carência de um lugar em que fossem educadas e auxiliadas em seu desenvolvimento psico-físico-sócio-cognitivo.

Essa visão *cuidadora* permaneceu durante vários anos e algumas mudanças começaram a acontecer quando a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 instituiu a Educação Infantil como etapa da Educação Básica, lançando novos paradigmas sobre a educação pré-escolar (STREHL e RÉQUIA, 1997, p. 30). A idéia de cuidado foi substituída pela de formação, e o espaço da educação infantil deixou de ser apenas da alimentação e do conforto para priorizar o desenvolvimento e a aprendizagem.

O Referencial Curricular abre, então, um espaço específico para falar da linguagem, devido a sua “importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001, p. 117). O documento divide o tema em linguagem oral e linguagem escrita, e, em seguida, apresenta objetivos, conteúdos específicos e orientações didáticas para as duas fases da educação infantil: creches – crianças de zero a três anos – e pré-escola – crianças de quatro a seis anos. Esse referencial traz idéias contemporâneas em relação à linguagem, mas na prática, em muitos momentos, emprega ainda concepções ultrapassadas sobre o desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

E qual seria, nesse contexto, o espaço destinado para a literatura? De acordo com o documento, a educação infantil se caracteriza pelo seu ambiente alfabetizador, que favorece a circulação de diversos gêneros textuais, inclusive obras literárias. Porém, o espaço do livro de literatura, em geral, continua sendo o da história com cunho moralizante ou pedagógico – ler para que os alunos aprendam atitudes e/ou fazer algo. Os critérios de seleção do livro infantil quase não contemplam as qualidades estéticas e os interesses dos alunos. A escolha pauta-se no que a criança deve aprender. Essa visão pedagogizante predominou e predomina quando se atribui à literatura a obrigatoriedade de ensinar, utilizando a obra literária como um meio, um pretexto para abordar certo conteúdo.

4 POSSIBILIDADES DE ABORDAGEM

Então, de que forma literatura e educação infantil podem estar articuladas? A literatura, assim como qualquer outra arte, propõe emancipação. A obra e o leitor dialogam e aquele que lê não é mais o mesmo, pois a partir do momento em que interage com o outro (no caso, o texto), passa a ter uma nova visão, a do leitor somada à visão criativa do autor. Portanto, a literatura desempenha um papel formador, pois o sujeito que está em contato com o texto acessa os seus conhecimentos e, a partir deles, lê o mundo por meio das múltiplas significações que ele oferece. A literatura torna-se um espaço que deve ser de liberdade, sem significar anarquia, e de orientação, sem significar dogmatismo.

Partindo dessas concepções, uma possibilidade de abordagem do texto literário são os roteiros de leitura, baseados nos estudos de Saraiva (2001) e Saraiva e Mügge (2006). Os roteiros dividem-se em três momentos: motivação, leitura compreensiva e interpretativa e transferência. Essas etapas se completam e se inter-relacionam, de forma a contemplar aspectos constitutivos da literariedade da obra, considerando as diferentes linguagens que a constituem.

A partir desses princípios, foi elaborado um roteiro de leitura para o livro *Dez sacizinhos*, projetado para a educação infantil. O roteiro sugerido está estruturado em três momentos. O primeiro, entendido como atividades introdutórias à recepção da obra, é constituído pela motivação, que acontece ludicamente e é uma forma de introduzir, de preparar a criança para a recepção da obra, nesse caso pelo viés temático. A segunda etapa, leitura compreensiva e interpretativa da obra, é a apresentação do livro, quando se destacam os aspectos da capa, da formatação do livro, de como os elementos estão dispostos e de que maneira isso pode ajudar na compreensão do texto. No caso dos *Dez sacizinhos*, a capa já é indicativo de uma brincadeira de esconder, que inicia antes mesmo de se abrir o livro. Em seguida, o mediador realiza a leitura oral, seguida de uma série de diálogos em que serão destacados os elementos do livro considerados importantes para a análise do mesmo. E a terceira etapa é a transferência, momento em que o aluno, partindo daquilo que pôde vivenciar durante a leitura e a análise da obra, irá criar novas produções, de modo a inserir o texto na sua vida.

4.1 MOTIVAÇÃO

O roteiro de leitura inicia com brincadeiras motivadoras. Entre as sugestões está a de ‘esconde-esconde’. Após o jogo, acontece a conversa, momento em que professor e alunos irão pensar como acontece a atividade, o que é necessário para se esconder, para procurar quem se esconde, como foram essas experiências, de que forma as crianças vivenciaram essa situação.

A segunda parte da motivação é a apresentação da obra. Esse livro, em especial, tem aspectos que o diferenciam das obras com que as crianças têm contato. Há uma sobrecapa preta, que cobre os elementos da capa, deixando à mostra apenas os sacis, personagens que mobilizam a história. O roteiro sugere que se converse com os alunos sobre essa característica do livro e da sua contribuição para o sentido da narrativa. No momento de observar a capa, a criança é convidada a pensar o que estava sendo escondido pela sobrecapa e por qual motivo isso deve ter acontecido. Também, sugere-se observar a folha de rosto e os elementos que fazem parte dela: como estão dispostos, e de que forma contribuem para a obra. Todos esses aspectos devem ser explorados antes da leitura da narrativa, para que os alunos antecipem a leitura do texto literário e levantem hipóteses sobre a obra.

4.2 LEITURA COMPREENSIVA E INTERPRETATIVA DA OBRA

No momento seguinte a esse levantamento de hipóteses, acontece a leitura oral pelo mediador, sem que os alunos vejam as ilustrações. Após, as crianças e o professor conversam sobre o que foi contado – o que aconteceu? Como aconteceu? Quem são os personagens que participam da história? Os alunos falam a respeito daquilo que perceberam ao ouvir a história. Na sequência, propõe-se dividir a turma em grupos e, se possível, distribuir um livro a cada grupo, para que eles tenham contato visual/tátil com a obra. Depois que eles tiverem manuseado a obra, as hipóteses iniciais são retomadas: o que mudou? O que permaneceu igual? O que é possível saber só ouvindo? E vendo? Qual das duas experiências foi melhor?

Seguindo o trabalho com a obra, o roteiro de leitura propõe análise dos aspectos literários, de forma lúdica. Os elementos destacados nesse roteiro são os personagens, o espaço, o tempo e o modo de dizer, salientando a presença de rimas, musicalidade, ilogismo e humor.

As características literárias são contempladas por meio de atividades que se aproximam de jogos e de brincadeiras, pois se trata de uma proposta de educação infantil, para crianças ainda não alfabetizadas. E vale salientar que a preocupação, em cada atividade sugerida, não está relacionada aos conteúdos e sim à possibilidade que as crianças têm de observar a obra e pensar sobre as peculiaridades, que a tornam diferente de um texto jornalístico, de uma receita, ou seja, de uma produção não-literária. A seguir, apresenta-se um exemplo de cada aspecto observado na obra.

Em relação aos **personagens**, destaca-se na análise a presença da Cuca. Num primeiro momento, o professor propõe uma conversa, questionando quem é esse personagem, o que eles sabem, de que forma ele aparece no livro. Em seguida, os estudantes brincam de amarelinha (em cada espaço há uma representação da Cuca, de acordo com o modo como aparece visualmente na seqüência da história: soldado, garçom, pescador, veranista,...). Nesses espaços, professor e alunos terão que anotar características da personagem, retomando na obra a presença dela em cada desaparecimento e no reaparecimento dos sacis. Depois de feitas as anotações, deixar que os alunos brinquem e retomar aquilo que foi percebido. Essa atividade busca ajudar o aluno a perceber a presença da Cuca, que durante toda a narrativa acompanhou os desaparecimentos dos sacis, sem que isso signifique que ela tenha participado de qualquer um deles. E ao mesmo tempo, as crianças podem notar que a Cuca é o elemento que desencadeia o retorno dos sacis.

Quanto ao estudo do **espaço** e do **tempo**, há a proposta de uma atividade de observação e pintura. Depois de conversar com as crianças sobre os lugares em que acontecem os desaparecimentos e os detalhes que a obra apresenta, solicita-se que cada estudante escolha um dos sacis, o qual será pintado com pincel e tinta em uma folha, que terá duas partes. Em uma das partes, a criança fará o saci. Na outra, pintará o lugar em que esse saci desapareceu, recuperando detalhes e características do cenário. Nessa proposta, pretende-se destacar a importância da ilustração para a obra. Na narrativa, não há detalhamento dos lugares nem especificação do momento em que tudo aconteceu, mas é por meio da ilustração que o leitor terá acesso ao espaço e suas particularidades. Muitas vezes, o mediador da leitura não ressalta os aspectos visuais da obra, e, assim, o aluno não aprende a ler o livro como um objeto constituído por linguagem verbal e não-verbal.

O terceiro aspecto analisado no roteiro é o modo como é revelada a história, ou seja, é escrita em versos, o que a diferencia de outras que as crianças estão habituadas a ver. Essa

característica é abordada por meio de uma brincadeira de troca de palavras⁴. Primeiramente, o professor faz algumas leituras de gêneros variados, que apresentem a figura do saci, por exemplo, uma receita de bolo em que um dos ingredientes é um saci, um conto de fadas (era uma vez um saci...), uma carta para o saci. Por último, ele lê um trecho dos *Dez sacizinhos* e conversa com as crianças sobre as diferenças percebidas. A partir disso, anota em um painel algumas estrofes da história, marcando com cor diferente a rima. Com a turma, pensar em novas palavras que rimassem com aquela destacada, escrever essas palavras em cartões coloridos e grudá-las por cima da original. Depois, fazer a leitura da estrofe com as novas palavras e perceber as conseqüências provocadas pela mudança. A presença da poesia ainda é muito discreta nas escolas e é importante que professores e alunos estejam em contato com obras poéticas, dando-se conta de peculiaridades da linguagem prosaica e da poética.

4.3 TRANSFERÊNCIA E APLICAÇÃO DE LEITURA

As atividades da transferência e aplicação dão liberdade para que, a partir da obra, o aluno crie algo, aproximando mais da sua vida as questões proposta pelo texto a sua vida. O roteiro sugere algumas atividades que podem ser criadas a partir da obra. Uma das propostas é um texto coletivo que continue a história dos sacis, partindo da última página, em que aparecem apenas os pés. Outra sugestão é a criação de um novo cenário⁵ para o reaparecimento dos sacis, utilizando como material a massa de modelar. O importante nessa etapa do roteiro é que a criança tenha a oportunidade de criar e que as atividades propostas sejam coerentes com aquilo que foi trabalhado anteriormente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propunha a pensar sobre o papel da literatura infantil na educação infantil, e para isso discorre sobre uma proposta de leitura de um livro.

O estudo busca mostrar que é possível vivenciar a literatura sem que se tenha que ensinar um conteúdo, é possível interagir com o texto literário por suas qualidades estéticas e não pelo

desdobramento pedagógico que ele possa proporcionar. Literatura é arte e isso faz com que professores/mediadores de leitura se preocupem em instrumentalizar as crianças a enxergar a arte, a preencher os vazios, a considerar a ambigüidade, que são positivos, porque dão espaço para a atuação do leitor.

A escola de educação infantil, sendo instituição de formação de sujeitos, deveria explorar o universo simbólico, da palavra e da imagem. E isso só será possível se, em cada contato com o livro, a criança puder ver além da palavra, além da visualidade. A obra acontece quando o leitor percebe que tem nas mãos a capacidade de ver, de criar, de construir, de participar do texto como co-autor, criando sentido àquilo que não é estanque e pronto, mas sugerido e inacabado.

Essas mudanças poderão acontecer no momento em que a criança tiver voz para falar da obra e de si, para falar de suas expectativas, para falar de suas impressões, para trocar com o professor e com os colegas aquilo que gostou e também aquilo que rejeitou, enfim para viver a obra, o faz-de-conta, o possível veiculado na ficção. A literatura acontecerá de verdade quando as obras entrarem na sala de aula sem o peso de um conteúdo programático, mas com a leveza do prazer e do encantamento que uma obra literária pode oferecer, com uma proposta de sentido que encontra ressonância na vida do leitor, ou seja, com uma proposta de humanização.

INFANT EDUCATION: LITERATURE AS AN ENJOYMENT SPACE

ABSTRACT

This article is part of a search project called “Formação do leitor: o processo de mediação do docente”, that happens at the University of Caxias do Sul. The search intends, from the investigation material collected – from classrooms and libraries – analyse the literature place and also create some strategies to get students closer to literature books, and, in the same way, help teachers with the mediation process. After some observations during the “histories time”, it brought to the end that the mediation process should start even before the literacy process itself, and the infant education was taken as the main topic. This article intends to analyse the historical way of the infant literature and also investigate in which ways the teacher procedures of

mediation of the literary text, in infant education, have helped the child to be an independent reader and to enjoy the reading, and also to give some suggestions based on the literary text “Dez sacizinhos”, by Tatiana Belinky (1997).

Keywords: Infant literature. Infant education. Reading mediation.

NOTAS

- ¹ Aluna de Licenciatura em Língua e Literatura Portuguesa, na Universidade de Caxias do Sul. Bolsista de Iniciação Científica (BIC-UCS) no projeto de pesquisa “Formação do leitor: o processo de mediação do docente”. maraisa.costa@gmail.com
- ² Doutora em Letras. Professora no Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul e no Programa de Pós-Graduação em Letras da UNISC. ramos.fb@gmail.com
- ³ Doutora em Educação. Professora no Departamento de Educação da Universidade de Caxias do Sul. neiva.panozzo@gmail.com
- ⁴ Didaticamente essa atividade por envolver outros textos deveria estar situada na etapa do roteiro denominada transferência e aplicação. No entanto, optamos por deixá-la aqui na análise, porque objetiva contribuir para que as crianças percebam o modo de dizer (em quadras) empregado no texto.
- ⁵ Atividades referentes ao cenário implicam o conhecimento de uma categoria estrutural denominada espaço. Nessa obra, o texto verbal não explora a espacialidade. Para compreender onde ocorrem as ações, é necessário ler as ilustrações.

REFERÊNCIAS

- BELINKY, Tatiana. *Dez sacizinhos*. Ilustrador: Roberto Weigand. São Paulo: Paulinas, 1997.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- SARAIVA, Juracy Assman. *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____; MÜGGE, E. *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A.A.M. et al (Orgs). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 17-48.

STREHL, Afonso; RÉQUIA, Ivony da R. *Estrutura e funcionamento do ensino fundamental e médio: subsídios para alunos e professores, de acordo com a lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1997.

ZILBERMAN, Regina. O estatuto da literatura infantil. In: ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, R.C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982. p. 3-24.

_____, R. *A literatura infantil na escola*. 10.ed. São Paulo: Global, 1998.